

Neil Lawrence, investigador de IA

“O poder passou para o mundo digital, para os engenheiros de software e para as grandes empresas tecnológicas”

Escreveu um livro onde denuncia o poder das oligarquias digitais, mas avisa que a culpa não é da IA. E que os medos existenciais apregoados por muitos não têm fundamento porque os humanos não vão ser substituídos pela tecnologia

— POR CLARA TEIXEIRA TEXTO MARCOS BORGA FOTOS

Professor catedrático de Inteligência Artificial na Universidade de Cambridge, investigador sénior no Alan Turing Institute, antigo diretor de machine learning (aprendizagem automática) na Amazon, Neil Lawrence tem focado a sua investigação na relação dos seres humanos com os grandes sistemas de Inteligência Artificial (IA). Escreveu o livro *Humano, Demasiado Humano – O que nos Torna Únicos na Era da Inteligência Artificial* (Gradiva) para contrariar as ideias “simplistas” sobre os riscos da IA e apontar o dedo às grandes empresas tecnológicas, as quais acusa de entrarem no jogo da ameaça existencial unicamente para protegerem os seus mercados. O investigador lamenta também que a regulamentação europeia seja “desajeitada” e feita por pessoas com conhecimento limitado da tecnologia.

Afirma, no livro, que os humanos não podem ser substituídos pela tecnologia. Mas não estaremos a criar algo mais inteligente do que nós, que possa escapar ao nosso controlo? A regulamentação é suficiente para nos proteger desse risco?

Já criámos, com as redes sociais. A ironia é essa. Não são mais inteligentes, mas têm muita informação sobre nós. Só por terem acesso a tanta informação, compreendem-nos, em alguns aspetos, melhor do que nós próprios.

As pessoas presumem que não são um perigo, mas estão a prejudicar a nossa sociedade. Em vez de orientarmos a tecnologia para o benefício do cidadão, temos tentado ser os primeiros a regular, como se fosse uma questão de orgulho, e temos regulado de uma forma desajeitada, tanto na Europa como no Reino Unido. Na verdade, a incapacidade de compreender a nossa complexidade é a razão pela qual a regulação é tão desajeitada. Embora critique a pressa em legislar, também compreendo as razões dessa pressa. Mas o objetivo do legislador não é ser o primeiro a fazer alguma coisa. É uma tarefa muito mais complicada do que redigir uma lei. O poder já não está nas mãos das pessoas porque passou para o mundo digital, para os engenheiros de software e para as grandes empresas tecnológicas.

Em Nexus, Yuval Noah Harari descreve a IA como uma arma social de destruição em massa...

Sim...

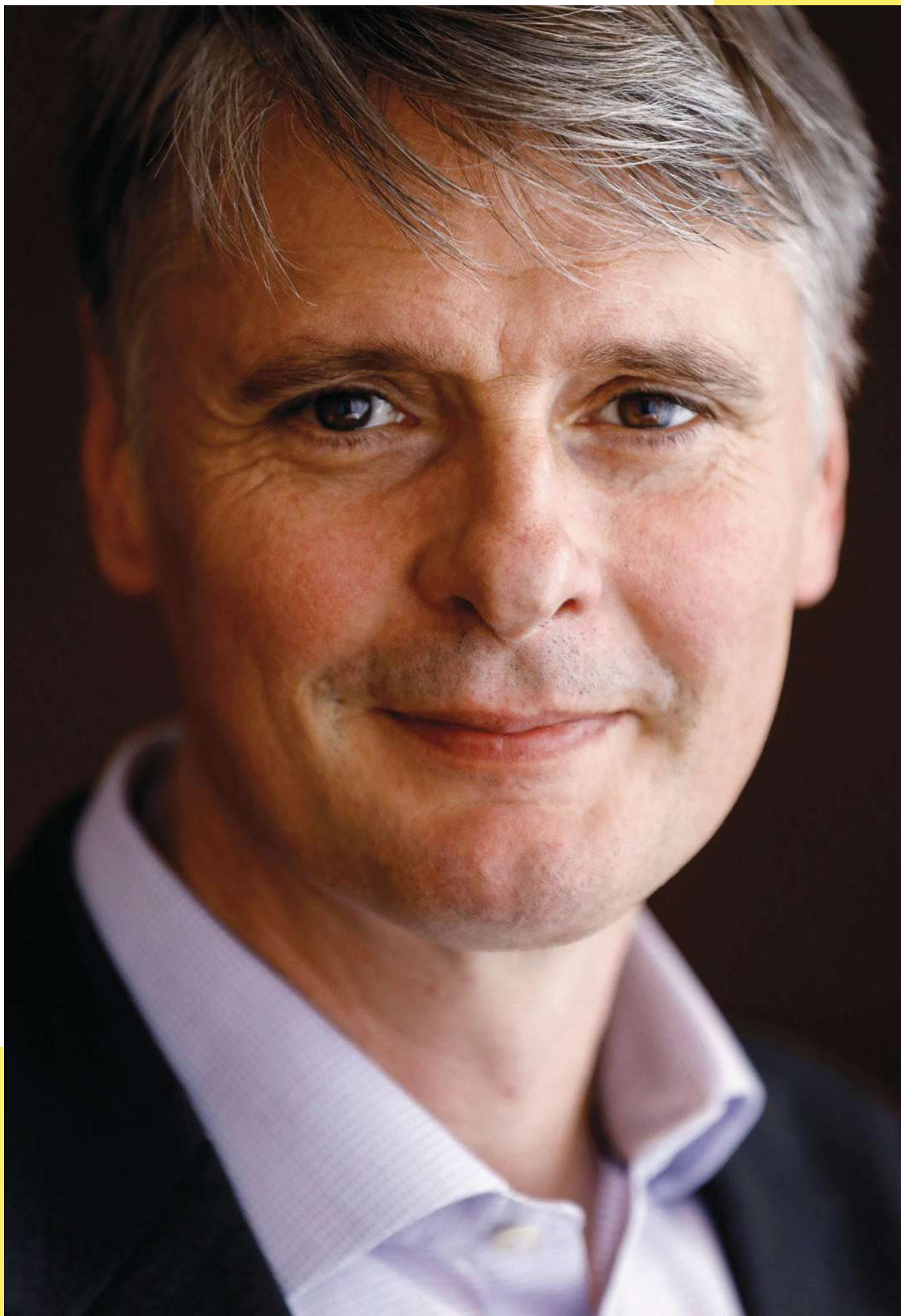
Essa ameaça é maior agora que temos Trump de regresso à Casa Branca?

Harari cai na armadilha de pensar que isso tem algo a ver com a IA. Quando se olha para a tomada da administração civil por um corpo não eleito, não há IA a acontecer. É apenas tecnologia digital. Embora eu simpatize com Harari, acho que não podemos culpar a IA. No meu livro, refiro-me

à oligarquia digital, algo para o qual ando a alertar há dez anos. As grandes empresas de tecnologia têm falado sobre estas questões, não por quererem destruir a sociedade, mas porque é do seu interesse usar os medos sobre a IA para nos distrair da legislação preparada para lidar com o seu poder, como a Regulamentação dos Mercados Digitais [na União Europeia]. O poder dessas empresas, assim como o poder de Donald Trump, não resultam da capacidade de fazer IA. Resultam do poder que historicamente construíram através de sistemas digitais sem IA.

Como vê a associação entre Donald Trump e Elon Musk, um multimilionário da tecnologia? Como é que esse novo poder ameaça a democracia?

A tendência não é de agora. Temos de olhar para o que o governo chinês fez em relação a Jack Ma [fundador do grupo Alibaba] e a outros multimilionários. Os chineses adotaram uma espécie de economia de mercado e também criaram oligarcas. Curiosamente, o mesmo aconteceu na Rússia, a partir da década de 1990, com o surgimento de uma classe de oligarcas. A natureza dos governos não é comparável, mas em ambos os casos houve um movimento para assimilar ou controlar a oligarquia. E isso foi feito de maneiras completamente diferentes. O que acontece agora nos EUA é muito interessante. Em 2019, participei numa cimeira entre França, EUA e China, que



foi desdobrada logo no início porque o representante do Departamento de Estado dos EUA disse que não colaborava com a China. Estava num painel com Edward Luce, correspondente do *Financial Times* em Washington, e ele disse-me algo que me ficou na memória.

E o que foi?

Disse-me que a posição dos norte-americanos nada tinha a ver com IA, mas sim com geopolítica global entre a China e os EUA. Era como o que tinha acontecido entre a Alemanha e a Grã-Bretanha na véspera da I Guerra Mundial, quando a Alemanha era uma potência em ascensão e a Grã-Bretanha se preocupava muito com isso. A questão levou-me a ler um livro de Brendan Simms, intitulado *Europa – A Luta pela Supremacia* [ed. portuguesa das Edições 70], sobre as lutas históricas em torno da governação dos países. Foi como se a política não fosse sobre as diferenças entre esquerda e direita, mas sim sobre as diferenças entre liberais democráticos e autocráticos. Se olharmos para a evolução da Europa nos últimos 500 anos, as lutas são feitas entre poderes mais autocráticos e poderes mais liberais democráticos. Nos EUA também é assim. A governação é, ou tem sido, liberal democrática, mas as grandes tecnológicas têm-se comportado autocraticamente. O alinhamento entre os oligarcas e o governo acontece tal como no passado sucedia entre a Companhia das Índias Orientais e o governo da Grã-Bretanha. São entidades separadas, mas há interconexões complexas entre elas. Há muitos precedentes no passado a ilustrarem porque é que as empresas não devem administrar países. O meu livro foi escrito há mais de um ano, mas alerta para este tipo de coisas. A minha expectativa é a de que Trump e Musk não vão desentender-se. É muito conveniente para ambos trabalharem juntos.



◀ **Humano, Demasiado Humano – O que nos Torna Únicos na Era da Inteligência Artificial** (Gradiva). Um livro que pretende contrariar as ideias “simplistas” sobre os riscos da IA



O alinhamento entre os oligarcas e o governo acontece tal como no passado sucedia entre a Companhia das Índias Orientais e o governo da Grã-Bretanha. São entidades separadas, mas há interconexões complexas entre elas

As cinco grandes empresas de tecnologia vão investir este ano 320 mil milhões de dólares em IA. Há semelhanças com a bolha das dot-com nos anos 2000?

Muito desse investimento em tecnologia vem das petroeconomias com excedentes comerciais. Esse dinheiro tem de ir para algum lugar. Em vez de ser distribuído pela economia, está a ser cada vez mais aplicado num setor, ou numa empresa, através do capital de risco ou do mercado bolsista. Sim, é uma forma da bolha. É uma aposta enorme num futuro distópico por parte dessas forças globais dos excedentes comerciais. Estamos a ver novas empresas a surgirem, algumas a sobreviverem, e estamos a apostar na ideia de que serão as futuras Amazon. E alguns desses investidores estão a obter retornos enormes. Só não é um esquema de pirâmide porque esta

é uma tecnologia de transformação massiva. É potencialmente a tecnologia mais transformadora que já vimos. Mas, para ser usada em benefício da sociedade e dos cidadãos, precisa de apoiar as vidas e as ambições das pessoas, em linha com o que consideramos ser uma democracia. O jogo que está a ser feito pelas grandes tecnológicas, para protegerem o seu mercado, é o que potencialmente leva à distopia.

Já tem ideias para um próximo livro?

Tenho falado muito sobre coisas que estão longe da minha área de especialização técnica em IA. Há mais de dez anos que penso sobre como estes problemas estão a afetar a sociedade, e como o jogo das grandes tecnológicas pode levar à distopia. Este livro foi uma tentativa de corrigir o que considero ser uma conversa sobre eugenia, revisitando ideias extremamente perigosas e simplistas. Mas acho que estou fundamentalmente otimista.

É o que parece...

Às vezes, não tenho a certeza. Quando falo sobre os problemas, parece que sou pessimista. Sinto que se me tornar demasiado polémico, isso enfraquece a mensagem. Penso que devemos sempre acreditar, porque as coisas mudam muito rapidamente. Se não estivermos otimistas, não vão acontecer. A única ideia que consigo ter para um próximo livro seria dar um passo atrás e fazer algo técnico, até para me afastar destas discussões sobre as quais sinto uma frustração pessoal, mesmo no meu país. Os bons argumentos não estão a passar e estamos a tomar decisões extremamente tolas. Se pensar no que quero fazer a seguir, tem de ser algo que me distraia e que me faça focar em ideias académicas interessantes para não ter de me preocupar com o que Donald Trump vai fazer amanhã [Risos]. cteixeira@visao.pt